

ESTRELAS SOLITÁRIAS

POUCOS
ATORES E
DIRETORES
FORAM À
FESTA LUZ,
CÂMERA,
AÇÃO

Irlam Rocha Lima
Da equipe do **Correio**

Fotos: Nehil Hamilton



Mais de mil pessoas dançaram até o início da manhã deste domingo

Luz: havia pouca, principalmente na pista de dança. Câmera: algumas, inclusive a da folclórica *paparazzi* Irone Queros. Ação: muita, a noite toda. Enfim, a festa *Luz, Câmera, Ação*, que há quatro anos é realizada paralelamente ao Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, foi uma *muvuca* e tanto.

Mesmo sem fazer parte da programação oficial do festival, a festa na Mansão Rollemberg (Park Way) costuma ser grande confraternização entre os participantes da mostra. Mais que isso, ótima oportunidade para que se estreite o relacionamento entre atores, atrizes, diretores e os espectadores. Quer dizer, nas três primeiras edições, muita gente voltou para o hotel, ou para casa, acompanhado.

Este ano a coisa esfriou um pouco. E que não se deva culpar a chuva por isso. Os motivos foram outros. Embora Tereza Rollemberg, a organizadora de *Luz, Câmera, Ação*, tenha enviado convites à coordenação do festival para serem distribuídos entre os artistas, poucos apareceram.

"Isso é maldade. Soube que não foram liberados carros para o pessoal vir para cá. A festa é em homenagem a eles. Sem atores, atrizes e diretores, o público se frustra um pouco", queixava-se Tereza, por volta de 2h da manhã de ontem.

Até então, só haviam chegado o ator brasileiro Henrique Rovi-
ra, do elenco de *O Tronco*, e Guará Rodrigues, eterna

presença nos festivais na capital. Mesmo assim, por pouco ele não foi barrado no baile. "É sempre assim: eu não recebo convite, os porteiros pensam que sou *penetra* e não me deixam entrar." Quem o salvou, desta vez, foi uma amiga, a cantora Suzana Mares.

PELADÃO

Por volta das 2h30 chegaram o diretor Luiz Alberto Pereira, o ator Carlos Evelyn e a cantora e compositora Marlui Miranda, todos do filme *Hans Staden*. Evelyn, que apareceu peladão na tela em meio aos índios, estava comportadíssimo na festa. Marlui, colega no Ciem (colégio que era ligado à UnB) do ex-presidente Fernando Collor, do senador Luis Estevão e do analista de pesquisa e dono da agência Vox Populi Marcos Coimbra, relembrava do tempo em

que morou na cidade, depois de dançar o som nada tribal de Clash e Culture Club.

Mais ou menos na mesma hora da turma do *Hans Staden*, surgiram em cena na Mansão Casa Grande (Park Way) os irmãos Bruno e André Moraes, filhos do diretor Geraldo Moraes e, respectivamente, ator e autor da trilha sonora de *No Coração dos Deuses*.

Feliz com a repercussão do filme em que dá vida ao *curumim* Pedro, Bruno comentou: "Fiz uma social no jantar que meus pais ofereceram para o pessoal do filme — entre eles, o ator Roberto Bonfim e a atriz Regina Dourado — e vim correndo para a festa." Logo em seguida se isolou num *cantão*, aos beijos com uma loura.

Os dois nem devem ter assistido ao desfile com criações do estilista Mariano Humano, que juntou às peças — jaquetas e capas em napa — sucata e material reciclável, como película de filmes, latas e carretéis.

Foi o único momento da festa em que a pista de dança se esvaziou. Desde o começo e até às 8h da manhã de domingo, mais de mil pessoas não pararam de dançar, embaladas pelos DJs André Negão e P.C. Cascão, que tocaram clássicos do rock, disco music e do reggae.



Bruno e André Moraes: no coração das meninas

FOTOGRAMAS

Fotos: Anderson Schneider

GAROTA DOURADA

De cabelo curto e descolorido, usando minissaia vermelha, a atriz Regina Dourado (foto), 47 anos, que faz o papel de uma feiticeira em *No Coração dos Deuses*, foi saudada com gritos de "maravilhosa!" e "gostosa!". "A sessão foi maravilhosa porque, ao fazer um trabalho, você pensa nele, mas só sabe o resultado quando percebe que ele se concretizou no imaginário do público." Sobre a reação ao filme, dividida entre aplausos e vaias, disse: "Também foi ótimo porque foi uma reação diferente."



RODA INDÍGENA

Os debates de discussão dos filmes da noite anterior, realizados toda manhã no Hotel Nacional, ganharam ontem formato inusitado. Diretor de *Hans Staden*, Luiz Alberto Pereira convenceu todos a formarem um círculo de cadeiras. "Vai ser um debate indígena, em formato de roda", brincou, antes de explicar por que incluiu o dublê de ator e capoeirista Beto Simas na fita: "Quando ele soube do filme, pagou passagem do próprio bolso e foi fazer teste. Essa dedicação me impressionou, além do fato de eu precisar de um ator de grande porte físico para interpretar um índio com nome de Tubarão Grande, em tupi." O filme será lançado em janeiro no Rio e, em março, em São Paulo.

"O trabalho é coletivo. Por isso, não assumo sozinho o que vocês vão ver"

Geraldo Moraes,
na apresentação de
No Coração dos Deuses



ZERO DE CONDUTA

A organização do festival não pensou nas pessoas com deficiência física que trabalharam nos filmes em competição. O diretor de arte Zero, cenógrafo do curta *Tepê*, teve que ser carregado pelos colegas para subir ao palco do Cine Brasília. Zero desabafou: "A dificuldade não é minha, é de vocês que não podem ter igualdade comigo."

PALMÔMETRO

Sem a superlotação da sexta-feira, a noite de sábado foi marcada por longos discursos de apresentação, que atrasaram o início da sessão. Os dois curtas provocaram reações diferentes: enquanto o gaúcho *3Minutos* ganhou palmas protocolares, o brasileiro *Tepê*, de José Eduardo Belmonte e com Murilo Grossi (foto), recebeu aplausos duas vezes durante a projeção e foi ovacionado no final. *Hans Staden* também ganhou forte ovação, mas *No Coração dos Deuses* teve muitos aplausos e algumas vaias.